

ENTENDENDO O REINO DE KIP

(Este material foi apresentado pela primeira vez como uma pregação para a igreja de Oahu, no Havai, em 22 de setembro de 2006 e, logo após, transformado em um artigo)

Introdução

Com início em fevereiro de 2003, as Igrejas Internacionais de Cristo têm enfrentado algumas reviravoltas inesperadas e muito graves. Usando o título de um livro sobre o assunto, temos passado, enquanto movimento, por algumas tempestades de fogo. Como ocorre com incêndios descontrolados, que se espalham por várias áreas e não são fáceis de serem apagados, foi exatamente isso o que ocorreu conosco. Contudo, graças a líderes fiéis e a membros entre nós que estavam determinados a não permitir que o incrível trabalho realizado fosse queimado por esse fogo, temos conseguido restaurar gradualmente a saúde do nosso movimento e temos progredido consistentemente, pelo menos, nos últimos cinco anos. Mantendo a mentalidade de “ter Deus em primeiro lugar” em nossas vidas e com a vontade de “aprender e se arrepender” no coração, temos visto a mão de Deus operando entre nós de uma forma muito gratificante. Estamos extremamente gratos a Ele por sua disposição em nos conceder o perdão e pela sabedoria do seu Espírito Santo.

Uma dos momentos mais difíceis da nossa tempestade foi o surgimento de um novo movimento entre nós, liderado por Kip McKean, o líder mais influente dos anos de formação, que veio a ser chamado de movimento "ICOC". Esse fenômeno tem sido para todos nós doloroso e, para muitos de nós, confuso. A título pessoal, para mim tem sido certamente um momento preocupante, mas não mais confuso. A história recente tem tornado bastante claros muitos aspectos dos recentes esforços de Kip, especialmente para aqueles de nós que éramos mais responsáveis por responder aos seus métodos e ações. Com o intuito de ajudar a esclarecer a confusão que ainda existe entre os que não tiveram muita experiência com o movimento de Kip e ainda estão em uma cidade onde uma das implantações de sua igreja está ocorrendo, eu quero ajudá-los a entender o que tenho chamado simplesmente de "O Reino de Kip".

Essa designação deixa claro o fato de que eu não considero o movimento de Kip um movimento de Deus. No entanto, aqueles que são ensinados e batizados em seu movimento se tornam discípulos, inicialmente, e esperamos que muitos deles permaneçam como tal. O problema é que quando qualquer movimento tem alicerces errados, ele segue o caminho daquilo que Jesus considerou como “um movimento mal orientado”. Na época de Jesus, isso correspondia ao grupo dos fariseus e dos judeus. Em Mateus 23:15, Jesus fez esta afirmação contundente: ***"Ai de vós, mestres da lei e fariseus, hipócritas, porque percorrem terra e mar para fazer um convertido e, quando conseguem, vocês o tornam duas vezes mais filho do inferno do que vocês."***

Os líderes são imitados e tanto suas qualidades boas quanto as ruins acabam sendo adotadas por seus seguidores, na maioria dos casos. Alguns superam as qualidades não espirituais da liderança e se ligam muito mais às qualidades do líder, Jesus, como descrito na Bíblia. Minha oração e esperança é que muitos que vêm a Cristo,

inicialmente, neste novo movimento, vão, em alguma momento, cair em si e reconhecer as questões mais profundas que levaram à tempestade do movimento inicial de Kip (do qual sou parte), e abandoná-lo. Caso contrário, eles serão provavelmente enredados no que parece ser um esforço espiritual emocionante, mas que se baseia na sabedoria humana.

A questão mais séria a ser tratada neste artigo é a da divisão. Comecei a ver igrejas ter contendas e dividir – tinha cinco anos quando vi a primeira igreja dividir; e, embora eu não entendesse o que estava acontecendo, ainda me lembro muito bem. Foi minha infelicidade ter de lidar com duas divisões na igreja do movimento (na Europa), e de experimentar o que algumas igrejas estão vendo acontecer através de Kip e seus líderes atualmente. O que eu espero realizar neste artigo é compartilhar minhas experiências em um esforço para ajudar vocês a entender melhor o que está exatamente acontecendo ou pode acontecer na sua igreja e o que esperar nos próximos dias e meses. Em linhas gerais, sabemos que Deus está em controle de tudo; eu não estou muito preocupado sobre o que vai acontecer na sua igreja, mais do que eu estava preocupado com o que iria acontecer em Fênix, quando Kip implantou uma igreja em minha cidade. Os resultados produzidos por essas novas congregações são um clamor distante do retrato inflado feito por Kip sobre tais resultados. A principal necessidade é estar ciente do que realmente está acontecendo e como responder com justiça a isso. Obter uma melhor compreensão da nossa história e de seus elementos-chave irá nos armar para reagirmos biblicamente às ameaças feitas a nossa união.

Entendendo a Gênese do Nosso Movimento

A maioria dos novos movimentos surgem como resultado de reações contra o status quo e, ao reagir a elementos indesejáveis, tendem a exagerar. Quais foram as reações e reações exageradas nos primeiros dias do nosso movimento? Eu acho que uma série de questões básicas influenciaram os nossos anos de formação, enquanto movimento, tais como: a América Corporativa, o militarismo, esportes, movimentos de mulheres, etc. No entanto, quero discutir nesta lição, sob o ponto de vista da nossa história, apenas uma das principais influências exercidas sobre nós. Ao lidar com a nossa história, meu objetivo não é ser negativamente crítico, mas simplesmente nos ajudar a aprender com ela. Caso contrário, vamos repetir as partes ruins dessa história, juntamente com as boas (e a maior parte são boas).

Quando falamos sobre os maus elementos do nosso movimento, deve-se observar que nem toda a igreja ou nem todo líder é culpado da mesma coisa, ou na mesma proporção. A falta de discernimento sobre essa observação leva a reações excessivas (como em 2003). Mas de modo geral, certas coisas são absolutamente verdadeiras. Cada pessoa é um produto do seu ambiente, é fruto de coisas boas ou ruins. Ou imitamos (consciente ou inconscientemente) o que está a nossa volta, ou reagimos contra isso. O mesmo se aplica a todos os movimentos, pois, ou terão o selo daquilo que os gerou ou se rebelarão contra ele.

O conceito de progressão dialética articulada por Georg Hegel, filósofo do século XIX, parece mais certo do que errado, quando aplicado aos movimentos, ao longo da história. Hegel disse que começamos com uma tese, reagimos com uma antítese, o que resulta em uma síntese. Com o tempo, a síntese torna-se a nova tese e o mesmo

padrão de reações podem prosseguir. Quanto mais forte for a reação contra o status quo, mais o movimento se torna definido por suas diferenças em relação a sua fonte. Em nosso movimento atual, temos sido definidos por nossas reações. Temos visto a nós mesmos como um grupo radical, reagindo contra a maré da religião morna e descomprometida.

É claro que há grande valor nisso, mas também existe o potencial para reações excessivas contra aquilo que rejeitamos. Mais notavelmente, temos sido um grupo reacionário contra o que chamamos de "A Igreja de Cristo Tradicional", com muitas reações que remontam ao ministério universitário, comumente chamado de "A Era Crossroads." A propósito, o que eu digo aqui sobre a igreja tradicional não tem por objetivo julgar esse grupo, pois não estou muito a par do que esta igreja está fazendo atualmente. Minhas observações remontam ao que vivi e observei pessoalmente durante o período em questão (de 1960 a 1980). Nesse período, os ministros estabeleceram ministérios universitários nas igrejas existentes.

Isso não quer dizer que os próprios ministros do campus universitário não cometeram muitos erros. Eles tinham zelo, porém, não tinham experiência para lidar com as circunstâncias que enfrentaram. Em retrospectiva, acho que tanto os jovens ministros universitários quanto os líderes mais velhos da igreja tradicional igualmente falharam nas tensões e divisões que ocorreram. No entanto, eu coloco a maior responsabilidade sobre os líderes mais velhos (Jesus tinha um casal de jovens líderes que queriam incendiar uma cidade!). Quase todos os líderes jovens vão cometer erros relacionados a zelo mal direcionado e os mais velhos vão ter de ser como Jesus para ajudá-los a amadurecer. Independentemente de culpa, o cenário era ideal para reações exageradas por parte dos líderes dos ministérios universitários. As reações, neste caso, ora eram óbvias, ora eram sutis.

Um das reações mais evidentes foi a ênfase no crescimento numérico, em comparação com o grupo da Igreja Tradicional, que tinha pouco crescimento. Parecia que tínhamos a intenção de apelar para os nossos resultados evangelísticos, como se estivéssemos dizendo: **"Vamos mostrar a você!"** Com certeza, tínhamos que nos concentrar em converter pessoas e crescer numericamente, mas por razões bíblicas e não por questões reacionárias. Outra reação observada anteriormente em nosso movimento era a falta de confiança nas pessoas. Podemos falar de duas categorias básicas: primeiramente, a maioria dos membros desses grupos era vista como pessoas mornas. O problema é que alguns que começaram sua carreira como jovens líderes nessas circunstâncias, às vezes, ainda tinham resíduos de desconfiança em relação aos membros de "nossas" igrejas. Basta dizer que Romanos 15:14 foi mais pregado do que praticado. Em segundo lugar, os líderes dessas igrejas tradicionais não eram confiáveis. Nessas igrejas, os presbíteros eram, sem dúvida, os líderes em controle, porém os menos confiáveis. É inegável a transferência para o nosso movimento de presbíteros que não eram confiáveis. No entanto, alguns deles estão voltando hoje para o modelo antigo - a questão do controle.

O estilo de liderança do nosso movimento foi muito influenciado pelos padrões iniciais da igreja. Na implantação de uma nova igreja ou trabalhando com grupos de jovens, incluindo o ministério universitário, o líder era o "controlador" do grupo. À medida que os discípulos envelhecem, eles devem ser tratados de forma mais adequada a sua idade, o que deve incluir o desenvolvimento de grupos de liderança, ao invés da liderança de uma só pessoa, ou seja, liderança de cima para baixo. Temos sido

extremamente lentos para aprender essa lição tão necessária, como nos ensina o livro "A Regra de Ouro da Liderança" (escrito por mim e por Wyndham Shaw, em 2001). Ligando os três últimos princípios - foco em crescimento numérico, falta de confiança e estilo de liderança - a definição do papel do evangelista foi, assim, fortemente influenciada por esses aspectos. Para se certificar de que os membros (de quem, pelo menos, sutilmente se desconfiava) iriam evangelizar, o líder, que era o "controlador" do grupo, tinha que pregar fortemente sobre a necessidade de evangelizar, caso contrário a maioria dos membros não evangelizaria. Assim, a mentalidade de "empurar as pessoas" foi construída no sistema desde o início.

Não importa que você não encontre esse tipo de motivação para evangelizar no Novo Testamento, tais pressupostos básicos, sem dúvida, levaram à abordagem da pregação forçada e da dieta oferecida pelo líder "impositor". Estas eram a base da sua filosofia de pregação. A curto prazo, esse tipo de motivação para o evangelismo produziu alguns resultados bastante impressionantes. Mas, a longo prazo, a eficácia em produzir crescimento e saúde espiritual diminuiu de forma previsível. A motivação errada prejudica as pessoas tanto quanto consumir drogas. Ela cria, inicialmente, os efeitos desejados, mas com o tempo vai desmotivando, a ponto de não mais produzir nenhum resultado.

A motivação da Bíblia é sobretudo voltada para o amor: o amor a Deus e o amor uns pelos outros no reino. Para atingir os não-cristãos, temos que compartilhar com os amigos e com a nossa família o que verdadeiramente são boas notícias para nós, os discípulos. O evangelismo parece ter sido mais um subproduto, do que o resultado de uma obrigação enfatizada, repetida várias vezes em pregações e em ensinamentos bíblicos. Parece que os princípios de João 13:34-35 realmente funcionam, uma vez que as pessoas do mundo são atraídas pelo amor que veem entre os discípulos. Cristãos felizes são uma boa propaganda!

A maioria dos nossos cristãos não têm sido muito felizes, justamente por causa da pregação e do ensino que receberam. A esposa de um presbítero fez o seguinte comentário há alguns anos atrás: ***"as pessoas são batizados em Cristo pensando que farão parte de uma família e acordam, no dia seguinte, descobrindo que se juntaram a um exército, recebendo ordens para marchar!"*** Esta ênfase de "empurrar os discípulos" para evangelizar deve estar baseada em uma das três hipóteses referentes aos registros do Novo Testamento: ou os líderes da igreja primitiva pregaram como nós pregamos, embora isso não esteja registrado no Novo Testamento; ou as nossas necessidades são muito diferentes daquelas dos cristãos do primeiro século; ou imaginamos algo que nunca foi feito. Para se aceitar qualquer uma dessas três hipóteses como verdadeiras, é necessária uma boa dose de arrogância.

Compreendendo a Saída de Kip da Liderança

Esta saída começou quando a filha de Kip McKean deixou a igreja, quando era estudante em Boston, na Universidade de Harvard. Uma vez que Kip sempre havia insistido que todos os principais líderes do movimento tivessem a mesma responsabilidade perante suas famílias que os presbíteros, ou seja, de ter filhos fiéis, o líder do Grupo de Setor Mundial determinou que Kip deveria renunciar ao seu papel de líder do movimento, pelo menos temporariamente, e tirar uma licença sabática. Ele foi convidado a se demitir do cargo de Evangelista Principal da igreja de Los Angeles em

2001 e depois convidado a renunciar ao cargo de Evangelista de Missões Mundiais (líder do movimento) em 2002. Depois de trabalhar no ministério universitário em Los Angeles, Kip (pela sua própria descrição) foi desligado por completo do staff da igreja de Los Angeles e informado que ali não havia mais lugar para ele.

Isso o levou a assumir a liderança da pequena Portland, a igreja de Oregon, a qual atualmente lidera. Embora eu, pessoalmente, conheça muitos detalhes desse êxodo da liderança, considerando os nossos propósitos hoje à noite, eu não acho que seja necessário que vocês saibam desses detalhes; portanto, vamos ficar com esses pontos principais. Os que leram o artigo “A Revolução Através da Restauração III”, escrito por Kip, sabem quais são seus sentimentos em relação a essas questões e vocês podem seguramente presumir que muitos de nós envolvidos nesse assunto têm uma visão diferente a respeito de uma série de detalhes. Basta dizer que, depois que Kip tentou assumir a liderança do movimento, através deste artigo “A Revolução através da Restauração III”, encontrou tanto os líderes quanto os membros bastante resistentes às suas idéias; desde então, as coisas realmente começaram a piorar. Uma vez em Portland, ele começou a assumir a liderança de um novo movimento. (A primeira versão desse documento deixa claro que, se ele não tivesse permissão para, mais uma vez, liderar o movimento, então, ele começaria um outro movimento). Falaremos mais a frente sobre esse ponto.

Compreendendo os Números (Datas e Eventos-Chave)

Aqui vamos falar sobre os eventos que levaram à reação generalizada contra o que Kip estava tentando fazer, porque tudo é parte da história que hoje inclui um capítulo sobre Hilo e Honolulu. Datas-chave e respostas às ações de Kip: como disse anteriormente, Kip foi convidado a se demitir do cargo de Evangelista Principal da igreja de Los Angeles em 2001 e como Evangelista de Missões Mundiais em 2002. Em 10 de maio de 2003, ele escreveu a primeira versão do artigo “A Revolução através da Restauração III”, o que desencadeou reações muito fortes por parte de muitos dos seus relacionamentos mais próximos ao redor do mundo e também levou a uma série de esboços e revisões. Ele assumiu a liderança da igreja de Portland em julho de 2003. De tempos em tempos, Kip disse e escreveu coisas desrespeitosas sobre outras igrejas e líderes, provocando divisão.

Na Conferência dos Líderes em Chicago, no mês de setembro de 2004, seis ou sete irmãos (inclusive eu) encontramos-nos com Kip e pedimos a ele que parasse de fazer acusações e comentários depreciativos sobre outras igrejas e líderes entre nós – o que ele prometeu fazer. Foi, claramente, um momento de advertência para Kip, tendo sido mencionadas escrituras sobre divisão e disciplina na igreja. Entretanto, em 21 de agosto de 2005, ele escreveu um artigo intitulado “A História de Portland”, que foi palco para muitas reações. Deixe-me ler uma parte desse artigo para ajudá-los a entender por que e com que rapidez as reações aconteceram:

“Portando, a partir deste Jubileu, a liderança de Portland acredita que é tempo de “chamar vigorosamente os discípulos remanescentes da ICOC para que não morram.” Durante muitos anos tenho pregado sobre “uma igreja em cada cidade”, em outras palavras, cada cidade deve ter somente uma igreja de discípulos, porque se forem fiéis a Deus, Ele os multiplicará para evangelizar não somente sua cidade, mas toda a região (Atos 19:8-10). Eu ainda acredito nesse princípio. Infelizmente, tornou-se prática nas ICOC's separar os grupos por regiões

geográficas ou grupos de diversas convicções quanto ao comprometimento com Cristo, discipulado e administração da igreja. Se um grupo pedir ajuda para restaurar os fundamentos de discípulos verdadeiros, nós os ajudaremos de todas as maneiras possíveis. Biblicamente, os discípulos não podem se rebelar contra as autoridades, assim como David, que escolheu transferir sua obediência do impiedoso Saul para o incircunciso Aquis (1 Samuel 27:1-4). As pessoas são “livres para escolher” a quem vão se submeter. No outono, a liderança de Portland começará a procurar as lideranças das congregações que estão em dificuldade para perguntar se podemos ajudá-las a estabelecer os fundamentos dos verdadeiros discípulos. Se não estiverem inclinadas a receber essa ajuda, então oferecemos ajuda a qualquer grupo que preferir ir para uma nova congregação composta somente por discípulos verdadeiros. Para um observador ocasional, isso parece ser “duas igrejas em uma cidade”. E, com isso, ficará óbvio a quem Deus estará dando sua aprovação.”

Aqui estão algumas das reações àquele artigo e as admoestações que vieram a seguir. Primeiramente, foram os presbíteros de Boston, em 28 de agosto de 2005. Veja o que eles escreveram com relação às atitudes de Kip:

“O artigo, com efeito, convoca as igrejas para, ou aceitarem a direção de Portland, ou a compreender que Kip e outros de Portland irão desafiar os membros dessas igrejas a se juntarem a eles. As atitudes de Kip são causadoras de divisão e arrogantes e devemos resistir. À luz de João 3: 9-10, considerando as conversas públicas e particulares de Kip, fica claro que ele é culpado do pecado e do mesmo caráter de Diótrefes. Ele busca sempre ser o primeiro, faz fofocas maliciosas a respeito dos membros e das igrejas e inspira um plano onde, intrinsecamente, são rejeitados os irmãos que não concordam com sua maneira de constituir a igreja. Ele se opõe àqueles que querem aceitar pessoas que “ele” não considera como discípulos verdadeiros. À luz de Tito 3:9-11, ele claramente provoca divisão, não evitando controvérsias tolas e deliberadamente as encoraja. Tendo o versículo 11 em mente, estamos juntando nossa voz aos que recomendam que ele seja destituído da liderança da Conferência de Seattle em setembro.”

Com referência ao seu desejo de ajudar a igreja de Boston, eles escreveram:

“Nosso desejo é que esta igreja continue crescendo de maneira saudável e temos trabalhado para isso. Temos conseguido mudanças dos líderes em outras igrejas como a de Seattle e de Los Angeles, durante este ano, e esperamos que essas mudanças continuem. Entretanto, não iremos tolerar métodos autoritários de liderança ou intimidação para motivar esse processo; ao invés disso, iremos voltar nossa atenção para o Espírito Santo, a palavra de Deus e para os homens e mulheres que demonstram um espírito parecido com o de Cristo, tendo respeito e amadurecimento mútuos, como discípulos de Cristo.”

Em seguida, foi a liderança da igreja de Seattle que se manifestou, em setembro de 2005. Depois da tentativa de levar Kip ao arrependimento e de tê-lo advertido apropriadamente, eles escreveram:

“Crítica destrutiva e atentado contra a reputação de outras igrejas. Os leitores devem julgar por si mesmos, mas, com exceção de algumas igrejas que pediram ajuda à Portland, a maioria das igrejas de nossa família bem unida tem examinado cuidadosamente os disparates das colunas de Kip. O movimento pós-2002 tem sido constantemente descrito com adjetivos tais como “triste” “entorpecido” “morto” ou “moribundo”. Pelo fato de não ficar claro a quais igrejas Kip se refere, o leitor pode concluir – e concluir falsamente – que, além da experiência de Portland, provavelmente tudo esteja completamente perdido no Reino. É certo que é verdade que muitas das nossas igrejas estão lutando com grande esforço. Muitas ainda estão juntando os pedaços deixados pelos estragos causados por Kip, ou outros líderes e membros. Essas igrejas precisam de oração, ajuda e inspiração e não de julgamento e condenação. O desafio dos discípulos para falar “apenas o que for útil para edificar os outros, conforme a necessidade” (Efésios 4: 29) é real, tanto no que se refere à comunidade, quanto ao indivíduo.”

Então, a equipe e os presbíteros da Igreja do Vale de Fênix escreveram uma mensagem para seus membros em 4 de setembro de 2005. Nessa mensagem, nós também mencionamos cada passo das ações de Kip e a advertência que ele havia recebido daqueles que tentaram ajudá-lo a se arrepender. Algumas citações mostram alguns dos conceitos apresentados, que são mais importantes - o primeiro deles foi feito no Jubileu de Portland, no ano anterior (no verão de 2004). Alguns comentários feitos por Kip naquela época foram considerados desrespeitosos e causadores de divisão. Uma das afirmações foi que, se qualquer igreja que não estivesse crescendo numericamente era morna, e se era morna, então o seu líder era um falso profeta. Outra afirmação aludia a um possível chamamento dos “remanescentes” (aqueles com verdadeiro coração de discípulo) para saírem das ICOC's e a possível re-implantação das igrejas em cidades onde elas já existiam.

Obviamente, todos nós estamos interessados no crescimento das igrejas e que cada discípulo em cada uma delas seja um discípulo de acordo com a definição bíblica. Mas, infelizmente, o que se passa, na maioria das grandes igrejas mais antigas, é que estamos tentando ajudá-las a voltarem à ordem depois do caos que resultou dos princípios que formaram a estrutura no começo de tudo. Considerando a premissa bíblica de I Coríntios 3: 12-15, o fogo mostrou o tipo de material usado nos alicerces da nossa construção e esse princípio bíblico mostra claramente que a construção de mais de 20 anos passados sob a liderança de Kip foi errada. É muito difícil escutar Kip exprimir ou sugerir que nós que estamos tentando juntar os pedaços de um movimento dilacerado, estamos de algum modo despercebidos ou despreocupados a respeito dessa condição e que não estamos ajudando a sua recuperação.

Com relação à ajuda necessária às outras igrejas, muitos líderes da nossa igreja e de igrejas irmãs têm gasto muitas horas via e-mail, telefonemas e visitas a essas igrejas em conflito para ajudá-las. Esses mesmos líderes têm sido solicitados para ajudar, e num espírito de interesse e preocupação, têm oferecido a essas igrejas a ajuda que elas necessitam.. Mas existe uma grande distância entre dizer, como Kip tem dito, que a liderança de Portland irá oferecer ajuda às igrejas em conflito e se essas igrejas não aceitarem essa ajuda, Portland irá começar uma outra igreja nessa cidade. Essa afirmação mencionada na “História de Portland” é arrogante, ameaçadora e causadora

de divisão.

Além disso, mesmo que se determinasse que algumas igrejas deveriam ser re-implantadas, essa determinação deveria ser feita por mais de um líder e por mais de uma congregação. Devemos perguntar quem designou Kip ou a igreja de Portland para determinar quais igrejas são realmente legítimas e quais não são? A arrogância e o orgulho envolvidos nessas alegações são simplesmente intoleráveis.

Logo após, um dos membros da PVCC, Chris Chlopek, que havia sido membro da igreja de Los Angeles, foi o principal catalisador para iniciar uma nova igreja em Fênix (sob a direção de Kip). Mais uma vez, o staff e os presbíteros leram uma outra carta para os membros, em 25 de setembro de 2006. Dois pontos bíblicos foram colocados – o chamado para seguir Kip, ao invés de os líderes locais, e a re-implantação de igrejas.

Primeiro, ele usou o exemplo de I Samuel 27 para justificar o fato de que as pessoas escolheriam o líder a quem obedeceriam. Quando alguém recorre a uma distante passagem bíblica do Velho Testamento para justificar o comportamento de alguém sob a autoridade do Novo Testamento, fica imediatamente óbvio que um ponto muito fraco está sendo feito. O NT é claro a respeito de presbíteros tendo a responsabilidade de cuidar e proteger a igreja. Leia as seguintes passagens cuidadosamente:

“Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como Bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue.” (Atos 20:28)

“Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra, especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino.” (I Timóteo 5: 17)

“Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles. Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas. Obedeçam-lhes, para que o trabalho deles seja uma alegria e não um peso, pois isso não seria proveitoso para vocês.” (Hebreus 13: 17)

“Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, e o faço na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada: pastoreiem o rebanho de Deus que está a seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas com o desejo de servir.” (1 Pedro 5:1-2)

Em segundo lugar, Kip, é totalmente claro sobre sua doutrina de “uma igreja em cada cidade”. Considerando-se o fato de ele sustentar sua forte declaração com respeito a uma igreja verdadeira em cada cidade, significa que ele não nos considera mais como uma igreja válida. Apesar dos múltiplos e sérios problemas da igreja de Corinto, ainda assim os discípulos foram tratados como “a igreja de Deus em Corinto” (I Coríntios 1: 2). Na doutrina de Kip, a igreja do Vale de Fênix perdeu esse status e deve ser substituída por uma “igreja de Deus verdadeira”. É muito significativo que, em todo o NT, não existe nenhum exemplo de algum discípulo ser comunicado para deixar uma igreja e ir para outra, ou começar uma nova igreja.

Nas cartas às Sete Igrejas da Ásia (Apocalipse 2 e 3), verificamos tanto aprovação ou condenação para essas igrejas. A pior das sete é a de Sardes, que não recebeu nenhum elogio e, apesar de ela ter apenas alguns membros justos, esses foram instruídos a continuar a ser justos, não abandonando a igreja e não fundando outra. E isto apesar do fato de que as outras igrejas estavam localizadas próximas umas das outras (todas em uma mesma região da Ásia Menor); e do fato de as igrejas de Esmirna e Filadélfia terem recebido de Jesus somente elogios. Esse exemplo é consideravelmente diferente das alegações e práticas de Kip. Não somente você não encontra um exemplo bíblico a respeito de iniciar uma nova (segunda) igreja em uma mesma cidade, como também isso tem o mesmo significado de divisão da igreja – uma atitude fortemente condenada no NT. Os quatro primeiros capítulos de I Coríntios tratam disso como pecado de divisão. Considere cuidadosamente as seguintes palavras:

“Irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, suplico a todos vocês que concordem uns com os outros no que falam, para que não haja divisões entre vocês: antes, que todos estejam unidos em um só pensamento e num só parecer. (11) Meus irmãos, fui informado por alguns da casa de Cloé de que há divisões entre vocês. (12) Com isso quero dizer que algum de vocês afirma: “Eu sou de Paulo”: ou “Eu sou de Apolo”: ou “Eu sou de Pedro: ou ainda “Eu sou de Cristo”. (13) Acaso Cristo está dividido? Foi Paulo crucificado em favor de vocês? Foram vocês batizados em nome de Paulo?” (I Coríntios 2: 10-13)

“Vocês não sabem que são santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vocês? (17) Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá: pois o santuário de Deus, que são vocês, é sagrado.” (I Coríntios 3: 16-17)

“Irmãos, apliquei essas coisas a mim e a Apolo por amor a vocês, para que aprendam de nós o que significa: “Não ultrapassem o que está escrito”, Assim, ninguém se orgulhe a favor de um homem em detrimento de outro.” (I Coríntios 4: 6)

O fato de Kip estar pedindo para as pessoas tomarem posição junto a ele deveria soar como um sinal de advertência de que alguma coisa está terrivelmente errada do ponto de vista bíblico. Paulo recusou fazer parte disso; Kip não somente abraça isso, como também reivindica isso. Gálatas 4:17 resume esse assunto: ***“Os que fazem tanto esforço para agradá-los não agem bem, mas querem isolá-los a fim de que vocês também mostrem zelo por ele.”***

No dia 9 de outubro de 2005, uma carta muito longa foi escrita e assinada por mais de 60 irmãos bem conhecidos e bem respeitados, chamando Kip ao arrependimento e definindo esse arrependimento claramente. Apesar de muitos pontos terem sido colocados, seria bom anotar também algumas considerações que ainda não foram citadas por mim. Depois de mencionar a apologia de si mesmo feita por Kip no documento ***“A Revolução através da Restauração III”***, com respeito ao seu orgulho, ***aspereza*** e busca de glória humana, esse documento assinado pelos irmãos, declarava:

“Seus escritos, seus sermões e seu website contêm auto-promoção e propaganda de si mesmo que são inconvenientes, imaturas e nocivas. Tivemos muitas conversas entre nós a respeito de você elogiar somente a sua igreja e nenhuma outra. Você diz publicamente que se arrependeu de levantar a si mesmo, embora quase todos os artigos editados por você são sobre você e seu ministério. Seu ponto de vista sobre nossa congregação é sempre sobre quem está a seu favor e quem está contra você. Isto não é espiritual, é injusto, imaturo e até mesmo irracional.”

A falta de arrependimento de Kip, caracterizada como tristeza do mundo, ao invés de tristeza segundo Deus, também foi mencionada:

“A tristeza segundo Deus não produz remorso, mas sim um arrependimento que leva à salvação, e a tristeza segundo o mundo produz morte. Vejam o que esta tristeza segundo Deus produziu em vocês: que dedicação, que desculpas, que indignação, que temor, que saudade, que preocupação, que desejo de ver a justiça feita! Em tudo vocês se mostraram inocentes a esse respeito.” (II Coríntios 7: 10-11)

“Nós nos regozijamos por seu cuidado com as almas. Mas infelizmente notamos que você continua a ser zeloso por suas opiniões e sua própria liderança e obstinadamente determinado em sua ambição egoísta. Em contradição direta a essa passagem, continuamos a ver em você:

Sinceridade de curta duração, ímpeto em de defender, indignação com os pecados dos outros, ao invés de com o seu próprio pecado; você está alerta quanto à condição da igreja, mas pouco preocupado com sua própria arrogância; cuidado para que outros se adaptem a seus planos, culpando os outros em relação à disciplina e lançando amargura sobre eles. Você tem provado não estar arrependido de quase nenhum desses pontos.”

No final do artigo, há uma lista de nossas convicções sobre os mesmos princípios nos quais Kip alega que não acreditamos mais (princípios esses que estão incluídos na Proposta de Colaboração que firmamos). Finalmente, o artigo termina com mais de 60 assinaturas dos irmãos, como mencionado anteriormente. Salientamos que esse documento foi uma nota de advertência, juntamente com uma série de outras admoestações anteriores com o mesmo propósito. No dia 12 de novembro de 2005, um Documento final dos Irmãos foi publicado, o qual era equivalente a uma total disciplina para Kip – seu desligamento oficial feito por mais de 80 irmãos, a maioria deles representantes das diversas igrejas. Uma vez que várias doutrinas falsas foram verificadas, assim como outros comportamentos pecaminosos, ficou claro que Kip estava sendo desligado da congregação.

Tendo em vista a nossa profunda preocupação com a sua alma e a fim de proteger o rebanho, devemos continuar a nos opor a você, enquanto você continuar causando divisão entre os discípulos. Por temor a Deus e por amor a você e a todo o Seu povo, nós nos comprometemos a obedecer as Escrituras que nos alertam a não mais ter comunhão com você até você se arrepender:

“Recomendo-lhes, irmãos, que tomem cuidado com aqueles que causam

divisões e colocam obstáculos ao ensino que vocês têm recebido. Afastem-se deles. Pois essas pessoas não estão servindo a Cristo, nosso Senhor, mas a seus próprios apetites. Mediante palavras suaves e bajulação, enganam o coração dos ingênuos.” (Romanos 16:17-18)

“Quanto àquele que provoca divisões, advirta-o uma primeira e uma segunda vez. Depois disso, rejeite-o. Você sabe que tal pessoa se perverteu e está em pecado; por si mesma, está condenada.” (Tito 3:10-11)

Acho que é importante saber os nomes de alguns líderes que assinaram essa carta de desligamento de Kip:

Baird, Los Angeles- EUA
Martin Bentley, Orlando- EUA e América do Sul
Tom Brown, Los Angeles- EUA
Ron Brumley, Seattle- EUA
Robert Carillo, San Diego- EUA
John Causey, Los Angeles- EUA
Jeff Chacon, San Diego- EUA
Steve Chin, Taipei-Taiwan
Malcolm Cox, Londres- Inglaterra
Henry Cramer, Los Angeles- EUA
Dave Eastman, Orlando-EUA
Brian Felushko, Vancouver-Canadá
Gordon Ferguson, Phoenix, Presbíteros e Evangelistas, EUA
Mike Fontenot, Hampton Roads- EUA
Andy Fleming, Los Angeles- EUA, Eurásia e Oriente Médio
Herve Fleurant, Denver- EUA
Marty Fuqua, Los Angeles -EUA
Anthony Galang, Los Angeles- EUA
Scott Green, Seattle, Liderança dos EUA e China
Douglas Jacoby, Atlanta- EUA
Jake Jensen, Los Angeles- EUA
Tom Jones, Nashville- EUA
Sam Laing, Atenas- EUA
Roger Lamb, Chicago EUA
Cesar Lopez, Manila -Filipinas
John Louis, Singapura e Sudeste da Ásia
John Lusk, St. Louis- EUA
John Mannel, Los Angeles- EUA
Chip Mitchell, Boston EUA
Reese Neyland, Los Angeles- EUA
Daren Overstreet, Seattle- EUA
John Porter, Miami- EUA
Sam Powell, Nova York- EUA
Mike Rock, Los Angeles-EUA
Wyndham Shaw, Boston EUA e Europa
Tony Singh, Chicago-EUA e Canadá
Foster Stanback, Los Angeles-EUA
Steve Staten, Chicago-EUA
Greg Tacher, Seattle-EUA
Mike Taliaferro, San Antonio-EUA e África

Bruce Williams, Los Angeles-EUA
Shawn Wooten, Kiev-Ucrânia

Compreendendo a Revelação de Deus

Temos examinado muitos pecados de Kip à luz da Bíblia, apesar de que vários documentos nos quais nos baseamos para mencionar esses pecados apresentam uma série de outros pecados descritos em detalhe. As falsas doutrinas que ele defende, algumas das quais são totalmente erradas, do ponto de vista bíblico, e outras opiniões são vinculadas como doutrina. Várias já foram abordadas nas citações acima. Outras que podem ser acrescentadas aqui são as seguintes:

1. O arrependimento é equiparado à cicatrização (pode ser feito da noite para o dia - mas o arrependimento de Kip não seguiu essa regra). A carta de Seattle tem um bom trecho falando sobre isso.
2. Evangelizar o mundo em uma só geração.
3. Supervisionar os evangelistas, com base no exemplo de Paulo e Timóteo (é semelhante aos cristãos novos que precisam ser monitorados, mas rejeita-se a idéia de passar a um estágio mais maduro e de ter mais igualdade de discipulado - congregações seguem exatamente o mesmo modelo).
4. Fazer o pecado da morneza se encaixar àquilo que você quer que ele signifique - cultos mornos ou falta de batismos. Sem dúvida, a morneza é ruim, biblicamente falando, mas mesmo quando olhamos para este exemplo, podemos ver as nossas tendências de legalismo. Apocalipse 2:14-22, com referência à igreja de Laodicéia, define morneza como atitudes mornas e confiança nas riquezas materiais. Você não pode simplesmente comparar entusiasmo emocional à espiritualidade. Tenho visto alguns líderes jovens com muito fogo (e, em decorrência disso, serem muito elogiados), mas que deixaram a igreja semanas depois - enquanto líderes mais velhos e mais calmos ainda estão na batalha depois de muitos anos.

É diferente dizer: “Vamos todos ficar super animados agora” e fazer aquilo que nos faz ficar realmente animados por reverência a Deus. Nesse sentido, é como ter fé – ou podemos exigir que as pessoas tenham fé, ou podemos ajudá-las a construir essa fé. Há uma grande diferença entre as duas abordagens. Qual foi o problema em Laodicéia? Será que seus cultos não eram emocionantes? Será que eles não tinham batismos suficientes? (Onde é que essas duas questões são abordadas no Novo Testamento, de qualquer forma?). Biblicamente falando, o crescimento é um subproduto da saúde espiritual - amar a Deus e amar uns aos outros. A questão era que, em Laodicéia, os cristãos eram orgulhosos e auto-suficientes, ao invés de serem humildes e ávidos pela graça de Deus para sustentá-los. Leia Mateus 5:1-10. Vamos começar a estudar a Bíblia pelo seu próprio contexto, ao invés de forçá-la a se adequar às nossas idéias preconcebidas!

O atual modo de agir de Kip se encaixa nesses parâmetros citados acima. Ele quer tentar forçar as igrejas a se unir a ele, assumir a liderança delas, de alguma forma, ou implantar novas igrejas (como em Chicago, Fênix e outros lugares). Posso dizer com certeza que há muito engano envolvido nisso. Seus líderes dizem que eles não estão recrutando os nossos membros, mas isso está longe de ser verdade em muitos lugares

e em muitos casos. Sua reivindicação em relação a minha igreja local era assim: "Nós não estamos dizendo nada contra a igreja de Fênix – só estamos fazendo o nosso próprio trabalho". Isso simplesmente não é verdade e pode ser refutado por várias pessoas. Preste atenção em Romanos 16:17-18: **"Recomendo-lhes, irmãos, que tomem cuidado com aqueles que causam divisões e colocam obstáculos ao ensino que vocês têm recebido. Afastem-se deles. Pois essas pessoas não estão servindo a Cristo, nosso Senhor, mas a seus próprios apetites. Mediante palavras suaves e bajulação, enganam o coração dos ingênuos."** (Romanos 16:17-18)

Nossa resposta, do ponto de vista bíblico, em Fênix, foi rápida e decisiva. Nós desligamos tanto Kip quanto os Chlopeks com a nossa segunda carta, em Fênix, e pedimos aos nossos membros para não se envolverem com ele. Isso, é claro, seria o meu conselho para qualquer igreja que enfrenta os mesmos problemas de calúnia, recrutamento e divisão. Nossa resposta visa praticamente evitar o envolvimento com pessoas ou com a controvérsia, a menos que você precise tentar ajudar a persuadir as pessoas a não participar de grupo de Kip. Não se focalize nessa bagunça - mantenha o foco em Jesus e no trabalho que Ele pede a todos nós para fazermos como discípulos. Confie em Deus - e mantenha sua confiança nele. Uma das minhas passagens favoritas para esse momento é Jeremias 23:28-29: **"O profeta que tem um sonho, conte o sonho, e o que tem a minha palavra, fale a minha palavra com fidelidade. "Pois o que tem a palha a ver com o trigo?", pergunta o SENHOR. "Não é a minha palavra como o fogo?", pergunta o SENHOR, "e como um martelo que despedaça a rocha?"**

Conclusão

Para concluir, quero que vocês saibam, com certeza, que Kip não foi de nenhuma forma maltratado ou coagido a estar nessa posição. Muitos irmãos e irmãs gastaram horas incontáveis, nos primeiros momentos dessa difícil situação, tentando ajudá-lo a ocupar um bom lugar na igreja - obviamente sem sucesso. Quando ouvi os críticos dizendo que Kip faria qualquer coisa para reconquistar sua posição como líder do movimento (ou líder de um movimento), a princípio, não acreditei. No entanto, os acontecimentos dos últimos anos têm mostrado que é exatamente isso o que está acontecendo. E, sinceramente, a primeira versão do artigo "Revolução através da Restauração III" mostrou isso claramente. Nele, ele deixou claro os seguintes pontos:

- Kip estava pedindo para ser reintegrado ao movimento como líder.
- Ele disse que, se os líderes não o reintegrassem, isso seria um sinal de Deus de que ele deveria iniciar um novo movimento.
- Ele já tinha um nome em mente para o novo movimento - ou "As Igrejas Cristãs Internacionais", ou "Os Discípulos Internacionais da Igreja de Cristo".
- Para aqueles que queriam ser parte do seu novo movimento, ele lhes deu a opção de se mudarem para estar com ele, ou com uma igreja vinculada a ele, ou convencerem seus líderes e membros atuais a participar do seu grupo; ou esperar até que ele implantasse uma nova igreja em sua cidade e se juntassem a essa congregação, deixando sua igreja morta, uma vez que eles tinham se tornado parte dos únicos remanescentes fiéis de discípulos.
- Uma citação reveladora dessa primeira versão é esta: "Se na nossa primeira reunião

congregacional, houver 3.000 pessoas, como no dia de Pentecostes, Amém. Se houver 300, como aconteceu com Gideão, Amém. Se houver apenas 30, como na sala de estar dos Gempels em Boston, Amém. Se houver apenas 3 de nós, então o Senhor estará entre nós. Amém ".

- Não foi por acaso que ele assinou a carta como "Evangelista de Missões Mundiais", seu título anterior.

Ouvir

Ler foneticamente

